

## MITO EGÍPCIO DA CRIAÇÃO DO MUNDO VERSÃO HELIOPOLITANA

*Marco Aurelio Neves Junior<sup>58</sup>*

*Orientadora; Prof.<sup>ª</sup>. Ms.<sup>ª</sup>. Ana Paula Magno Pinto*

### RESUMO

O mito egípcio da criação do mundo é bem importante para o entendimento da cultura e da religião desta civilização milenar, a versão Heliopolitana é a mais conhecida e também a mais bonita delas. O objetivo deste trabalho é mostrar o quanto a religião e a mitologia do antigo Egito e da humanidade pode ser belo e tentar explicar os diversos termos de religião, aplicadas ao Antigo Egito e Mostrar que esta civilização poderia não ser politeísta no sentido da palavra que entendemos hoje, ensinar conceitos de religião como monoteísmo, politeísmo, monolatria, henolatria. Sem ela não entenderíamos o poder que os faraós ganharam com o tempo, e a ascensão do clero de Amon em Heliópolis.

**Palavras-chave:** Egito, Mitologia, Heliópolis, Amon, Râ.

Hino a Râ quando se levanta

[Do Papiro de Hu-nefer(Museu Britânico Nº 9.901, folha 1).]

Texto: (1) HINO DE LOUVOR A RÂ QUANDO SE LEVANTA NA (2) PARTE ORIENTAL DO CÉU. Eis aqui está Osiris, Hu-nefer, (3) vitorioso, que diz:-  
“Homenagem a ti, ó tu que és Râ quando te levantas (4) e Temu quando te pões. Levantas-te, Levantas-te, brilhas, brilhas, (5) és coroado rei dos deuses. Senhor do céu, [és] o senhor da terra; criador dos que habitam (6) nas alturas e dos que habitam nas profundezas. [És] o Deus Uno surgido (7) no começo do tempo. Criaste a terra, afeiçoaste o homem, (8) fizeste o abismo aquífero do céu,

---

<sup>58</sup> Graduando de História na Universidade Gama Filho – 5º período Pesquisa atual: Egiptomania e Egiptofilia práticas da Egiptologia. Orientadora: Ana Paula Magno.



neste papiro, mostra-nos a superioridade deste deus e nos faz refletir sobre a religião do Egito antigo.

No começo dessa civilização não existia uma religião comum a todo país, tendo cada pequeno território, suas próprias divindades particulares. Todo clã tinha suas próprias crenças e seu próprio deus. Com o agrupamento destes e sua conscientização de homogeneidade, o deus mais poderoso de uma cidade dominou as outras, permitindo a estes deuses ampliarem seus domínios (politicamente e economicamente) com a construção de templos. A organização do culto a esses deuses deu origem a religião no Egito.

Os egípcios criaram um sistema religioso para explicar o nascimento ou origem do mundo e assim, talvez, justificar suas crenças. Cada centro religioso elaborou uma cosmogonia<sup>61</sup>. Uma das mais difundidas foi a de Heliópolis, que será analisada aqui; nela intervinham nove deuses, desde a criação do mundo até o nascimento da monarquia. A V e VI dinastias que possui os mais antigos textos religiosos, provenientes de Sakkara, nos provam que os egípcios imaginavam o que seria o universo antes da criação.

“Não existia ainda o céu, não existia ainda a terra, não existia ainda os homens, os deuses ainda não haviam nascidos, não havia ainda a morte”.(Texto da pirâmide de Pepi I).

No principio nada existia alem de Nu, uma alusão ao sagrado Nilo, em torno de Nu reinavam o silêncio, as trevas e o caos. Nu foi criado em primeiro lugar pelo demiurgo, isto é, o criador do mundo inferior, o Hibridismo. *“tu criastes o nu”*. (Papiro de Hunefer, museu britânico); *“Tem que saiu do abismo”, “Atum que existiu só no Nu”* ou ainda *“Eu sou o único que criou o Nu”*. (Livro dos mortos), este Nu ainda se encontrava em repouso. Ele e o próprio universo se confundiam, já que ele não passava de um grande espelho liquefeito de água imparcial, que refletia o nada. Nunca fora construído templos para Nu,

---

<sup>61</sup> Discrição hipotética da criação do mundo

entretanto, encontra-se em diversos santuários um lago sagrado que simboliza a “não-existência”.

Um dia Nu desperta de seu sono profundo e começa a se mover, das profundezas do mar revoltado surge uma ilha, que seria o próprio Egito. Agora existe duas trevas ao invés de uma, no centro desta pequena ilha brota uma flor de lótus, aquela pequena flor, frágil e solitária faz surgir no universo seu primeiro momento de beleza, do centro da flor lentamente começa a emanar finíssimos raios de luz, as pétalas do lótus se abrem lentamente, dele finalmente nasce uma nova divindade: Tem, Tum ou Atum, o princípio do Deus sol.

O lótus era um símbolo de esperança, salvação e renascimento. Assim, a oferenda da flor de lótus era considerada um ato sagrado e, por isso, aparece frequentemente na arte, (*sechen*, em egípcio) simbolizava o brasão do alto Egito. A tendência característica dessas flores, de crescer para fora da água, abrir as pétalas pela manhã e fechá-las à noite, pode ter inspirado este mito. O lótus em si foi mais tarde identificado com o Deus Nefertum (cultuado em Mênfis), uma das mais belas representações pode ser admirada no museu do Cairo, que mostra uma flor de lótus de madeira pintada com a cabeça do Deus sol quando criança irrompendo no meio das pétalas. Este objeto foi encontrado no vale dos reis, tratava-se de uma identificação iconográfica de Tutankhamon com Atum. O primeiro ato do criador, que culminou com a criação, extraído dele próprio o verbo Rá, dando nascimento ao sol.

“Sou a alma divina de Ra que vem do Deus Nu, a divina alma que é Deus[...] Eu dou forma a mim mesmo com o Nu. Eu sou luz[...] Eu chego grande alma, minha alma e meu corpo são os ureaus; meu futuro é a eternidade[...] Eu sou a alma criadora do abismo celeste, autor de sua morada na divina região inferior”.( Livro dos mortos, Cap.: LXXXV).

Riscando o horizonte negro faz tudo se tornar claro, a luz é separada finalmente das trevas. Assim que Ra vislumbra a beleza do mundo diante de seus olhos, deixa uma gota de lagrima cristalina cair de seus olhos brilhantes, indo penetrar a terra dura e seca,

dessa gota divina, um dia, surgirá a humanidade. Diz um texto: *“Tudo o que existe saiu de seus olhos e de sua boca”*.

“Eu criei todas as formas com o que saiu da minha boca, quando não havia nem céu, nem terra”.(Texto do papiro de Nesiansu).

“Eu sou Atum, que criou o céu, que modelou os seres saídos da terra, que fez aparecer o grão semeado, senhor de tudo o que existe, que gera os deuses. O grande (único) Deus que criou a si mesmo, senhor da vida, tudo que dá o frescor (juventude) à enxada divina”.(papiro de Nu).

A associação de Atum vem antes da época do livro das pirâmides. “Ra” é uma simples palavra para designar o Deus sol, indicando sua presença física no céu; Khepri é a imagem do sol movido por um escaravelho, representava o Deus sol de manha ou daquele que desaparece no horizonte e se prepara para atravessar a noite para renascer. O hábito de empurrar bolas de esterco, próprio do escaravelho, foi comparado com o movimento de Khepri ao girar o disco solar pelo céu. O seu nome significa *“transformar-se”, “suceder”, “nascer”*; Heracti é o falcão pairando bem alto no horizonte, longe e distante como o próprio sol. Os nomes se combinam: por exemplo Atum-Ra ou Heracti-Ra, cada nome é uma tentativa de capturar um aspecto do deus sol criador. Na fonte a seguir, é interessante perceber que no mito não existe uma preocupação com o real e nem com o tempo, Nu continuava assombrando os egípcios, pois estes acreditavam que ele poderia romper os céus e inundar a terra.

“Os deuses e as deusas provem de Nu” e Ra dirigindo-se a Nu fala: “Tu o mais velho dos deuses, do qual sou oriundo”. Nu lhe responde: “Meu filho, Ra, maior que seu pai e mais velho do que aquele que te criou”. (Papiro de Qenna).

“Túmulos serão as cidades e cidades se converterão em tumulos, onde manção destruirá manção”.(Livro dos mortos, formula mágica 1130).

Ra fecha seus olhos e se dedica a criar outras divindades, ele cria Tefnut, a deusa do vazio e Chu, o deus do ar, eles irão morar no firmamento. Pode-se perceber na passagem do livro das pirâmides que o deus Atum se masturbou em Heliópolis:

“Tomando seu falo em seu punho e ejaculando para gerar os gêmeos Chu e Tefnut”. (Texto das pirâmides, declaração 527).

“E Tem disse: - Eis minha filha Tefnut, a chama vivente, que dividirá o leito com seu irmão Chu. A ele eu chamei vida, ela se chama ordem. Vida e ordem repousam juntos”. (Texto dos sarcófagos).

Chu é representado por uma pluma que tinha a leveza do ar, ele é o sopro de Ra. Tefnut, por sua vez, significava o principio de Nut, é o pai da abobada celeste, ele representa o vazio que o ar se propaga.

*“Ra respirou e apareceu Chu; então Ra criou a deusa Tefnut”.* (Papiro de Nu, cap. 130).

Do mito da criação arquitetado pelos sacerdotes de Heliópolis podemos observar um inteligente vínculo entre as deidades cósmicas junto com os deuses e as deusas que figuram na estória da transmissão da realeza. Ra deixou para o mundo uma nobre descendência. Dentre elas estavam Geb, a terra, e Nut, o céu, contudo Ra estabeleceu que a união deles dois jamais poderia ocorrer, proibindo assim nova geração divina desses deuses. Geb *“Filho de Deus e pai dos Homens”*, era a personificação da vida concreta, a primeira manifestação de ordem puramente material. Nut é a abobada celeste e também aparece no panteão egípcio como a deusa criadora do universo físico e como a reguladora do movimento dos astros. Foi adorada por todo o Egito, embora não tenha sido encontrado qualquer templo dedicado a ela.

*“... quando eu estava só e imóvel no Nu, e não tinha um lugar onde me erguer, eu, Tum, me dirigi ao Nu e disse: - Que todos os meus membros sejam reunidos, que Geb seja formado e que essa grande imensidão tenha um fim”.* (Textos dos sarcófagos).

A atitude de proibir a copulação entre Geb e Nut se deu por conta do medo do sol de perder o poder absoluto que possuía. Entretanto no início dos tempos os dois filhos de Ra se uniram, o poderoso Deus fica sabendo e manda separá-los. Eles permaneciam

rigorosamente próximos, a terra vivia deitada sob o leito do mundo, enquanto o céu se situava encurvada acima dele, apoiada somente na ponta dos dedos das mãos e dos pés.

Atum designa Chu, o ar, para impedir a união dos dois amantes, ele suspende com seus braços o corpo de Nut, tirando-a do alcance de Geb. O céu em lamento, afastada de seu amante, provoca lágrimas que acarretou em uma verdadeira inundação sobre o corpo de Geb. Ra tinha sido claro, durante o ano inteiro eles seriam vigiados, essas palavras fizeram Nut perceber que não sabia exatamente o significado da palavra ano. Resolve então visitar o Deus mais sábio de todos.

Pede a seu pai Ra que a deixe visitar Thot, que a permite. Chegando lá, ela se depara com o Deus escrevendo em um pergaminho, este estava terminando o calendário, era de fato uma inédita maneira de se medir o tempo, poder-se-ia contabilizar o tempo não mais pela mera alternância do dia e da noite. Thot era o deus da escrita, das bibliotecas, da língua e senhor das palavras divinas. Representava a matemática, a agrimensura, a astronomia e as ciências em geral, além disso, era advogado e deus das leis. Outra característica era ser uma divindade lunar, Como a lua era uma das bases do calendário egípcio, Thot era o *“contador dos anos”* e o *“senhor do tempo”*, pois a ele se atribuía a sua medição. Pelo fato de a lua substituir o sol durante a noite, na época baixa o deus Thot era chamado *“Atom de prata”*.

O calendário religioso dividia o ano em três períodos de quatro meses e, estes, em três décadas, cada uma presidida por uma constelação diferente, em um total de 360 dias. Nut sabendo disso desafia Thot para um jogo, aquele que ganhar poderia fazer um pedido ao outro. Thot aceita o desafio. Nut logo arruma um jeito de passar a perna em Thot, mesmo ele sendo o inventor do jogo e das regras, ela não ficava atrás. Ganhando o jogo, faz o pedido para que fossem acrescentados cinco dias ao calendário, Thot mesmo sem entender aceita. Na realidade esses dias foram introduzidos no calendário para se aproximar da duração real do ano, marcadas pelas cheias do Nilo, acrescentavam cinco dias no fim do quarto mês, denominados epagômenos (*“acrescentados”*).

Quando chega o 361º dia, Chu o deus do ar, foi obrigado a se afastar, já que sua missão se limitava aos 360 dias que compunham o ano. Os próximos cinco dias não faziam parte de ano algum. O que acarretou nesses cinco dias de amor foram quatro filhos: dois homens e duas mulheres. Osíris, o primogênito, dizem que no instante que ele nasceu uma grande voz ecoou no templo de Thot, em Tebas, profetizando o seu futuro glorioso; a bela Isis; Seth que seria a desgraça de Osíris e a pouca expressiva Néftis.

Osíris e Isis simbolizam a força vivificante, o crescimento. Seth e Néftis a força coagulante, endurecedora, que permite à matéria permanecer estável e imutável, e é necessária a toda formação material, é a força involutiva.

A primeira geração de Ra eram Chu e Tefnut, esses dois deuses geraram a segunda, Geb e Nut, que também são considerados filhos de Ra, a terceira geração simbolizava o mundo dos vivos e sua ordem social. O tema da criação é representado freqüentemente nos papiros funerários, pois julgava-se que, no além, os mortos convertiam-se em estrelas e iriam para um lugar com um Nilo no céu e receberiam vida nova a cada manha com o sol.

Podemos explicar agora os diferentes termos de religião, são eles: o Henoteísmo, Politeísmo, Monoteísmo e katheroteísmo. Esses termos nos darão uma boa base para podermos entender que a religião no Egito é um pouco mais complexa vamos em primeiro lugar definir o termo religião:

Segundo o dicionário Michaelis, religião é:

“1 Serviço ou culto a Deus, ou a uma divindade qualquer, expresso por meio de ritos, preces e observância do que se considera mandamento divino. 2 Sentimento consciente de dependência ou submissão que liga a criatura humana ao Criador. 3 Culto externo ou interno prestado à divindade.”

Podemos presumir então que religião é o conjunto de crenças em uma ou mais divindades, incluindo rituais e o sentimento de temor e obediência aos desejos destes.



Esta (as) divindades seriam então criadores de desastres naturais e de toda a vida na terra, estando ligados então ao dia a dia desses povos.

Agora com o termo explicado, vamos conhecer os termos (Monoteísmo e Politeísmo) o primeiro é a crença única e exclusiva em um Deus, negando todos os outros deuses. O segundo é a Crença em vários deuses, todos tendo o mesmo nível de adoração. Então em qual deles o Egito se encaixaria? Isso é uma pergunta muito complicada de se responder quando usamos só esses dois termos para representar a religião da humanidade. De acordo com o Dr. Ramses, “Os antigos egípcios acreditavam em um único Deus sem nome, gênero ou forma. A este poder supremo que criou o céu, a terra, os mares, os homens, as mulheres, os animais, os pássaros, e tudo mais que existe e existirá, deram o nome de Emen-Ra (a luz oculta). Os egípcios sofreram um problema de tradução das palavras  $\text{𓆎 nTr}$  e  $\text{𓆎 nTrt}$  Deus e Deusa respectivamente, que na verdade deveriam significar Lei natural masculina e Lei natural feminina.”<sup>62</sup>

Um famoso egiptólogo, que conheceu D. Pedro II, descreve os principais monumentos exibidos no Museu Egípcio de Bûlâk no Cairo desta forma “No topo do panteão egípcio repousa um Deus que é único, imortal, incriado, invisível e oculto nas profundezas inacessíveis de sua essência. Ele é o criador dos céus e da terra; ele fez tudo que existe e nada foi feito sem ele; tal é o Deus que é reservado para o iniciado do santuário.”<sup>63</sup>

Entretanto, muitos Historiadores ainda afirmam que o Egito é Politeísta pois acreditam em mais de um deus único, então em qual desses acreditar? Que tal não acreditar em nenhum dos dois? Isso porque para acabar com problemas desse tipo foi criado novos conceitos de religião um dos mais difundidos hoje em dia é a monolatria. Ela consiste na concentração de um fiel ou de uma tendência religiosa num único deus, sem

---

<sup>62</sup> SELEEM, Ramses. O livro dos mortos do Antigo Egito. Pg.: 21.

<sup>63</sup> BAY Mariette apud SELEEM, 2005, p.: 22.

negar que existam outros, um exemplo interessante é que no início da história do povo Hebreu, a partir da análise da própria narrativa bíblica, era comum a prática da Monolatria, em que determinados personagens, embora admitindo a existência de outros deuses, eram devotos de Javé, seja por temor ou fidelidade, seja por outro motivo qualquer.

Um outro conceito não muito conhecido, porém o mais aceito pelos egiptólogos atuais é o de Henoteísmo, criado pelo ocidentalista e estudioso Max Muller. Durante grande parte do século XIX, a tese dominante seria a de um monoteísmo mais ou menos afirmado ou secreto, essa era a tese henoteísta, cada fiel escolhia um deus que se tornaria o Único. Ao analisar-se textos, hinos e iconografia, foi possível perceber que os deuses se manifestavam na forma da assimilação divina, isto é, o deus Amon, durante o culto, absorvia como parte de sua natureza atributos e elementos, a priori, exclusivo de outras divindades; O panteísmo é a idéia de que deus é tudo e tudo é deus. Se assemelha ao politeísmo, só que vai além. Ensina que tudo é deus, como uma árvore um animal, o céu, o sol, até mesmo as pessoas; Por último o termo kathenoteísmo, que é “a concentração do interesse num deus de cada vez, também sem negar o politeísmo.”<sup>64</sup> durante o culto do deus, ele é único para o adorado e assume o papel de divindade primordial. Esses últimos conceitos não devem ser comparados com o monoteísmo, que pressupõe a crença em um único deus.

Conclui-se que a religião egípcia é algo realmente complicada de entender, contudo a religião trouxe mitos muito interessantes, como o da criação, um mito que consegue explicar o surgimento da terra, do ar, do céu, e acaba chegando a humanidade com o deus Horus, o princípio da vida. Além de criar o mundo subterrâneo e colocar nele um “Governador”, Osiris. Além de mostrar a complexidade de seus mitos.

---

<sup>64</sup> CARDOSO Ciro apud GRALHA, J. 2002. Pg.: 47.

Essa pesquisa também visa mostrar que existe muito mais coisa do que as grandes pirâmides do Egito, existe beleza, e não apenas grandes blocos de pedras pesando mais de duas toneladas, esta beleza da mitologia deve ser explorada quando se trata de tentar explicar a religião, não só no Egito Antigo, mas em todas as religiões do mundo. Não devemos simplesmente falar que o Egito era politeísta, até porque esta visão já está ultrapassada, devemos entender os conceitos, analisar os mitos e os documentos antigos e tomar um partido, este é o “achismo” fundamentado, e deve ser aplicado em pesquisas.

Na verdade podemos até falar que o Egito era monoteísta, como acreditavam muitos egiptólogos, como Mariette Bay; Champolion, que desvendou o mistério dos hieróglifos; Dr. Ramses Sellen, criador da Associação da Cultura Física Egípcia. E muitos outros, só nos é pedido a comprovação. Nunca saberemos a verdadeira religião existente naquela civilização, não saberemos definir esta religião, da mesma maneira que não saberão distinguir a nossa quando e se esta civilização acabar. Por mais que pesquisemos continuaremos em sombras, cabe a nós imaginar e tentar aproximar-se daquela milenar e interessante estrutura religiosa.

### **Referências Bibliográficas**

- BRANCO, Marisa Castello. **Do Egito milenar à eternidade**. Rio de Janeiro; 2000.
- BUDGE, E.A. Wallis. **O livro egípcio dos mortos**. Pensamento, São Paulo; 1923.
- CHRISTIAN, Jacq. **O mundo mágico do Egito antigo**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000.
- DICKSON, Paul. **Dictionary of Middle Egyptian**. California; 2006.
- FUNARI, Raquel dos Santos. **O Egito dos Faraós e Sacerdotes**. São Paulo: Atual, 2001.
- GRALHA, Julio. **Deuses, Faraós e o Poder**. Barroso produções editoriais, Rio de Janeiro; 2002.
- HART, George. **Mitos egípcios**. Moraes, São Paulo; 1992.
- KAMRIN, Janice. **Ancient Egyptian Hieroglyphs**. The American University in Cairo Press, Cairo; 2006.



PINSKY, Carla. **Fontes Históricas**. Contexto, São Paulo; 2008.

RIBEIRO, Mel(Org.). **EgitoMania, o fascinante mundo do antigo Egito**. Deagostini, Espanha; 2006.

SEGANFREDO, Carmen & FRANCHINI, A.S. **As melhores Histórias da mitologia egípcia**. L&PM, Porto Alegre; 2006.

SELEEM, Ramses. **O Livro dos Mortos do Antigo Egito**. Madras, São Paulo; 2005.

TRAUNECKER, Claude. **Os deuses do Egito**. UNB, Brasília; 1992.